

ERA DOS ARQUITETOS

demo

Romance de Ficção Científica

Livro dois da série “Cosmologia Neural”

Mikhail Savchenko

Parte I

Depois da Iniciação

Capítulo 1

A Varanda

Do diário de Lia Reynova. 14 de outubro de 2033. (Letras grandes, caneta esferográfica, uma anotação por página dupla.)

Papai está triste hoje. Ele ainda não chegou, mas está triste. A vovó está ligando pra ele por dentro. Não tem telefone — tem um botão dentro dele, e a vovó apertou. Um fiozinho amarelo, fino, sai da camisa dele pra cima. Ele não vê. Eu vejo.

Mamãe disse: Lia, não fala com o papai sobre os fiozinhos. Eu perguntei por quê. Mamãe disse: porque isso deixa ele mais triste. Eu pensei. Decidi: tá bom. Mas no diário — pode. O diário — é meu.

Schrödinger Júnior estava caçando uma mosca. Não pegou. A mosca tem um pó prateado atrás, tipo um rastro. Schrödinger não vê o pó. É estranho, porque os gatos geralmente veem tudo. Acho que tem coisa que os gatos também não conseguem. Mamãe diz — é normal. Ninguém vê tudo.

Na creche hoje um menino chorou. Eu perguntei por quê. Ele disse — porque é terça. Eu pensei. Decidi: é uma boa razão. Na terça tudo é difícil. Na quarta — já é mais fácil.

A vovó também vai chegar hoje. Ela é boa. Só que ela olha para o papai como se ele fosse um vizinho. O papai olha pra ela como se fosse a mãe dele. Isso não se encontra no meio. No meio — sou eu. Eu sou o encontro deles.

O papai está vindo. Agora está perto de Krasnogorsk. Eu sinto ele, como o Schrödinger sente que vão abrir a lata. É conhecimento. Não é fome; a fome — vem depois. Primeiro — o conhecimento. Chegou — significa que vai ser.

* * *

Eu voltava da Academia e, pela primeira vez em um ano, não conseguia lembrar no que estava pensando.

Isto, de modo geral, não é bom. O cérebro de um físico de trinta e cinco anos é obrigado a funcionar como o ticker da bolsa em Tóquio: linha rolante na parte de baixo da tela, ininterruptamente, em três idiomas, com referência ao fechamento de ontem. Se o ticker se cala — ou você teve uma falha de servidor, ou você morreu. Uma terceira opção não existe na profissão.

Bem, existe, mas significa que eu estou olhando para o lugar errado.

“Voltava” — nessa palavra agora se escondia quase toda a minha vida. Sete anos atrás eu deixei a Academia — voltei para o instituto, para a Lena, para os qubits. Prometi a mim mesmo: chega, acabou, estou encerrando. Quatro meses bastaram. Depois o Wei Lin ligou. Ele disse: “Nós não temos trabalho para você. Mas o mundo tem. Entre nós e eles é preciso alguém que viva nos dois simultaneamente.” O cargo, que não existia antes de mim, foi chamado simplesmente de: *ponteiro*. Nem curador, nem aluno; algo intermediário; na Academia não há mais desses. Uma pessoa que vai à Academia duas vezes por mês e depois volta ao instituto e, à pergunta “o que aconteceu,” diz com segurança alguma coisa sobre um fusível queimado. Sobre o que ele viu quatro dias atrás no quarto andar da pilha — não fala para ninguém.

Oficialmente, na declaração de imposto, eu figuro como “consultor em estados não padronizados, código OKVED 74.90.9.” Esse código OKVED no cadastro designa “outras atividades profissionais, científicas e técnicas, não incluídas em outros grupos.” Literalmente: “não sabemos o que é, mas pagam por isso, e que paguem; assine aqui.” O Estado russo, diferentemente do americano, não gosta quando a categoria fiscal é descrita com mais precisão do que a atividade correspondente. A precisão — é coisa internamente política, e a deixamos de lado para o caso de precisarmos prender alguém amanhã.)

Normalmente, dentro desse “voltava” entrava uma longa lista: pra onde, de onde, para quê, com quem, em que carro, com quais sensações depois de atravessar a porta. Hoje entrou apenas: *eu ia para casa*. Só isso.

Eu ia para casa. “Casa” — nos últimos dois anos, virou mais direção do que lugar, mas o MKAD não sabia disso e me conduzia honestamente pelo anel. Nas caixas de som tocava uma banda que eu não havia colocado. O *Yandex.Music* adquiriu no último ano um novo hábito: ele coloca o que você ainda não pediu. A versão oficial — o algoritmo de recomendação foi atualizado, personalização, rede neural de sétima geração, tudo e mais um pouco. A versão não oficial (e mais honesta) — o algoritmo de recomendação começou por volta de 2028 a *vazar* do sexto andar. Ou seja, ele agora não captura a sua playlist. Ele captura o seu próximo estado interno. É isso que toca. A publicidade paga o Yandex por isso; a mim, por isso — ninguém paga.

(Para ser justo: no *Yandex.Music* existe uma caixinha “desativar seleção personalizada.” Ela não funciona. Eu marquei uma, duas, três vezes; na quarta — escrevi ao suporte. O suporte respondeu: “a caixinha funciona corretamente; não foram detectados problemas com sua conta.” Traduzindo de suporte para humano: “nós mesmos não entendemos, mas não vamos admitir.” Essa frase, aliás, é o slogan nacional do suporte técnico russo, tácito, mas reconhecido por cada um que já se deparou com ele.)

Agora tocava *Angine de Poitrine* — dupla francesa (o nome, em tradução — “*angina de peito*”; eles mesmos só põem na capa em francês, pra que o ouvinte não comece com

associações cardiológicas). Tocam math-rock microtonal: o compasso muda dentro de uma única frase — sete quartos, depois onze, depois um loop microtonal deslocado em um quarto de tom. As guitarras dos dois são de braço duplo: o braço de cima, nos doze semitons padrão; o de baixo — em vinte e quatro. Tocar nos dois ao mesmo tempo é fisicamente desconfortável; com esses dois sai; outra guitarra no estúdio eles não têm e, a julgar pelas entrevistas, não pode haver. No palco — de máscaras pretas lisas (algo entre médico medieval da peste e soldador de obra soviética) e macacões brancos e pretos de bolinhas. Nomes não têm. Eles se chamam *Khñ* e *Klek* — duas batidas consonantais densas, sem pretensão de sentido, mas convenientes pra gritar do meio da multidão. Autoidentificação: “*Orchestre Rock Microtonal Dada-pythago-cubiste.*” Geralmente eu os escuto à noite, na cozinha, quando Kira já foi dormir e Lia ainda não levantou. Durante o dia — não. Hoje estavam tocando às quatro da tarde, no carro, no MKAD, sob chuva. Isso era um diagnóstico: *Yandex* sabia sobre mim mais do que eu mesmo, e admitir isso é mais confortável pela música do que por uma caixinha nas configurações.

Nessa forma, a música deles funcionava de modo estranho. Era como *escutar escondido* algo que não me era destinado: alguém assobiando num quarto fechado no prédio ao lado, e eu ouvindo isso pela parede — sem destinatário, sem pose de palco, sem vontade de ser ouvido. O deslocamento microtonal de um quarto de tom a cada volta torna essa ilusão perfeita: o ouvido não se prende aos doze semitons habituais, e a audição toma o som por *um assobio do apartamento ao lado* que por acaso tem forma. A música deles é — *atenção alheia transposta em som*. Não dá pra compor isso; só dá pra captar e amplificar. Eu os reconhecia sem Shazam. Agora os reconheço em qualquer lugar.

* * *

A assinatura da minha mãe no meu peito nos últimos dois anos ativa-se cada vez com mais frequência.

É um fenômeno técnico, com passaporte, período de garantia e causa documentada. Sete anos atrás minha mãe *entregou* sua assinatura subjetiva à âncora de uma passagem que não podia ser fechada pelos meios habituais. Parte da assinatura dela vive agora na porta; parte — em Irene, que existe num novo corpo em Kostroma e trabalha como bibliotecária; parte — por uma grade distribuída no espaço que eu não calculei a pé.

E mais uma parte — em mim. Porque eu sou seu filho. Ela a deixou vinte e oito anos atrás, quando eu tinha sete. Essa parte é tecnicamente impossível de extrair de mim: soldou-se de vez. Irene agora é o *corpo* dela e o *entregue* dela. E o que sobrou da mãe *em mim* — é só em mim, e é como se não fosse mais ela e como se fosse. Esse estado descreve-se na Academia com a frase: “*a assinatura vive em duas configurações*

simultaneamente, e ambas são legítimas.” Traduzindo para o português: ela existe, ela não existe, e ambas as respostas são corretas.

(Tentem viver com uma mãe em duas configurações simultâneas. Recomendo. Disciplina muito.)

Nos últimos dois anos precisamente essa parte começou a *chamar*. No peito, no diafragma, naquela parte do sistema nervoso que antes era responsável por “acho que deixei alguma coisa no fogão.” Ativa-se por uns quarenta segundos, depois silencia. Pela sensação — um fino fio amarelo do esterno pra cima. Wei Lin me falou sobre isso cinco anos atrás, em três palavras: “É o jeito dela de te lembrar.” Durante oito anos Wei Lin me explicou qualquer coisa, menos isso. No oitavo ano o aceno deu lugar a uma frase — e a frase também era um aceno, só que com palavras.

(Agora, aliás, eu distingo frases-acenos. Deformação profissional de ponteiro: oito anos ao lado de uma pessoa que economiza palavras, e você começa a ouvir qual fala é frase e qual é aceno disfarçado em vogais e consoantes. No Wei Lin, noventa por cento da fala são acenos. Os dez por cento restantes ele guarda para momentos que eu ainda não vivi. Esses dez por cento ele libera um a um, à colher de chá por ano. Até hoje recebi oito colheres. Restam, suspeito, mais quatro ou cinco. Depois encerramos.

Aparte: Wei Lin tem um *Nokia 3310*. Comum. Preto. Sem internet. Só chamadas e SMS. Botões nos lugares certos, “snake” embutido, bateria dura uma semana, ele o recarrega uma vez a cada oito dias, por agenda. Ele carrega esse telefone no bolso do casaco desde 2020. O smartphone que lhe deram em seu quinto centenário está no armário da Olga. O smartphone que lhe deram em seu sétimo centenário está ao lado, sem ser aberto.

Isto não é excentricidade. É — a posição dele e a posição de toda a Academia: “*se adotarmos uma rede, tornamo-nos rede; se permanecermos junto às pessoas, permanecemos pessoas.*” A Academia não tem site público. A busca por “academia russa da consciência” retorna algumas postagens mortas de fóruns de 2019 e um artigo no *Meduza* que Lena escreverá em 2033 — mas disso falaremos depois. No território da Academia não há Wi-Fi. A rede celular funciona por trechos, através de repetidores que Olga instalou em 2029 e ao mesmo tempo ameaçou remover se alguém instalasse uma sala de Zoom no refeitório. A conexão da Academia com o mundo — por *ponteiros* vivos, ou seja, por mim e mais dois: Olya (neta da Olga) e Vanya (um recém-formado que foi pros EUA com uma missão secreta da qual eu ainda não sei nada).

Quando Wei Lin liga para alguém desse Nokia 3310, na tela de quem recebe aparece um número começando por +7 4852. Kostroma. Ele nunca esteve em Kostroma. Por que o número é de Kostroma — não se sabe. Parece que a infraestrutura telefônica da Academia também *suga um pouco* do quarto andar, como meus qubits e o GPS dos vizinhos.)

Então: hoje a mamãe estava ligando desde aproximadamente as dez da manhã, ou

seja, quatro horas seguidas. Segurava o telefone sem pausa. Isso era novo. Normalmente ligava em lampejos de quarenta segundos, com intervalos de três dias. Agora — como se tivesse pego o telefone e esperado.

Eu esperava de volta. O ponteiro, do outro lado da ponte, nunca vai primeiro: ele é *ponte*, e pontes ficam paradas. Se uma ponte começa a andar por conta própria — já é uma terceira torre com duas pernas, sobre a qual não foi calculada a carga.

* * *

Com a estrada para Moscou, sete anos atrás — depois da abertura da porta — aconteceu o que ninguém esperava, inclusive a polícia de trânsito.

Em primeiro lugar, em Moscou por volta de 2028 começaram a *desaparecer* os engarrafamentos. Precisamente desaparecer: estavam — e *evaporavam*, sem resíduo, sem consequências, sem vítimas do lado do tráfego. Ou seja, pelos dados do *Yandex.Maps* às 18:30 no Terceiro Anel deve haver onze pontos de dez — e você sai e vê quatro pontos. Nada aconteceu; ninguém deixou ninguém passar. Fluiu. Isso até hoje não tem explicação oficial. Existe uma versão (publicada, geralmente, em edições de terceira categoria que adoram a palavra “quântico” no cabeçalho) de que os moscovitas começaram a escolher rotas *de forma mais concordante*. Isso, na verdade, é verdade: a camada causal coletiva de uma grande cidade existe, e se nela vaza informação — os engarrafamentos se dissolvem. Eu silêncio sobre isso nos grupos de conversa, porque nos grupos colocam em mim um emoji idiota por causa disso.

Em segundo lugar, o GPS em certas regiões de Moscou agora *mente de modo estável*. O Túnel Anular Gagarínsky — mente em um quilômetro e meio. O Parque da Vitória — em trezentos metros. A região do Arbat — em doze metros em qualquer direção, mas sempre na direção para a qual você justamente *não* quer virar. Na Academia já se defendeu há tempo um trabalho de conclusão sobre isso (autor — Vanya de dezenove anos; eu fui o avaliador). Conclusão do trabalho: “a camada de render em Moscou é sugada do quarto andar onde historicamente houve uma sombra causal densa.” O trabalho recebeu nota máxima. Moscou respondeu ao trabalho com uma nova zona mentirosa em Paveletskaya.

Em terceiro lugar, no YouTube surgiu a categoria “*despertadores*”. Formato: um cara de suéter cinza, às vezes uma mulher de óculos vermelhos, curso por cento e dezenove mil rublos, “abrimos o seu Arquiteto interior em quatro semanas.” (A palavra *Arquiteto* agora também foi privatizada pelo marketing. Sete anos atrás eu ainda conseguia fazer piada com “consciência quântica.” Até 2033, as palavras vazaram mais rápido do que eu conseguia acompanhar.) O canal mais popular — “Eu Sou o Meu Deus” (dois milhões e trezentos mil inscritos, autor — um certo Gleb Aristov, presumivelmente ex-gerente de supermercado Magnit; não confirmei). Gleb explica ao espectador que a realidade é um jogo de computador e que ele, Gleb, por cento e dezenove mil,

vai dar ao espectador os códigos de trapaça.

Gleb, de fato, dá ao espectador códigos de trapaça. Às vezes até funcionam — por uma ou duas semanas, até o espectador descobrir que o jogo *não tem níveis*, e que cada código de trapaça não dá nada além de uma cosquinha passageira no sexto andar, que, aliás, ele próprio gosta de ser feito cócegas, sem dinheiro.

Isto, por um lado, é engraçado. Por outro — triste. Pelo terceiro (aquele com que lida a Academia e com que lido eu em meu cargo de “ponteiro”) — perigoso. Porque os despertares reais *sem suporte* parecem agravamentos de transtorno esquizoafetivo. E parecem assim porque *realmente o são*, até que alguém explique à pessoa o que está acontecendo com ela. O paciente cai numa camada estruturalmente mais profunda da pilha sem traje espacial. Sem traje espacial nessa camada sufocam. E ele sufocará por culpa de quem o arrastou para lá por meio do chatbot “Deus-bot Pro” por cento e dezenove mil.

(Certa vez pedi a Wei Lin permissão para escrever uma carta a Gleb Aristov. Educada, mas firme. Wei Lin olhou para mim atentamente, em silêncio. E disse baixinho: “Gleb — é parte do filtro.” E pronto; não pedi mais. *Filtro* — é o termo que usamos na Academia para as pessoas que, por sua existência, filtram os despreparados. Se você pagou a Gleb Aristov cento e dezenove mil e não se indignou — ainda não é para a Academia. Por enquanto é para o Gleb Aristov. Duro, mas funciona: a Academia não dá conta de atender todos que batem. Gleb distrai aqueles que ainda não precisam estar na Academia. Do ponto de vista do sistema, é — um *antispam embutido*. Do ponto de vista da ética — é mais complicado. Do ponto de vista meu, dirigindo pelo MKAD com a mamãe ligada dentro do peito — agora não importa.)

* * *

Mais uma coisa sobre a qual vale a pena falar, já que avançamos tanto na descrição do meu 2033.

Este ano, surgiu na Rússia uma nova estrutura estatal. Chama-se *Instituto do Despertar da População, FGBU* (instituição orçamentária estatal federal; número no registro — 6732; escritório principal — na Tverskaya, 17, ex-edifício de alguma sociedade de amantes de livros que em 2022 foi silenciosamente fechada por desnecessária).

O Instituto do Despertar é dirigido por Artyom Val. Aquele mesmo Artyom da primeira escola que sete anos atrás escolheu a Ordo por causa do soldado Misha em Kaluga e que, ao longo dos oito anos que passaram, transformou essa escolha em infraestrutura de escala estatal. Pessoalmente, não o vejo desde 2028. Nos separamos em lados opostos, em silêncio, sem ofensas. Às vezes o vejo na tela — de terno cinza, sem gravata, com corte de cabelo curto. Ele fala para a câmera com calma e devagar, e da sua fala, como antes, emana uma estrada sem mina.

A tarefa pública principal do Instituto — “desenvolver e implementar protocolos de integração correta de pessoas com percepção expandida à vida pública.” Traduzindo do burocratês: *encontrar um jeito de os despertados não enlouquecerem e não abalarem o país*. A tarefa, em geral, é razoável. Os métodos — são os que mais me assustam: re-censeamento, categoria de invalidez IV-E (quarta, encefálica), exame médico, registro, emissão regulamentada de “licença para percepção expandida,” e o mais suculento — o oráculo “**Arquiteto-1**”.

(Arquiteto-1 — é a peça central da Ordo em ação. Oficialmente — “sistema automatizado de suporte a pessoas com percepção expandida,” código no cadastro FGBU APS-RV/01. De fato — um LLM de sétima geração, treinado adicionalmente nos protocolos internos da Academia, que em 2031 *caíram* nas mãos da Ordo. Wei Lin, a propósito da palavra *caíram*, uma vez em conversa comigo soltou um sorriso: “Sim. Direto da caixa.” Ninguém esclareceu de qual caixa.

Arquiteto-1 mora no Gosuslugi, seção “Saúde Espiritual,” subseção “Percepção Expandida,” adicionada em quatorze de junho de 2032. Também — como aplicativo separado no App Store e Play Market, “Arquiteto Pro,” quatro estrelas, cento e quinze mil downloads. Nos terminais dos MFC está desde fevereiro. Pessoalmente, não o completei, porque a Academia exige dos ponteiros não aparecerem no Rosassinatura. Mas o Kostya do departamento vizinho passou. Recebeu a categoria “*sensibilidade-A, sem licenciamento*,” o que significa: “mantemos você na base, mas por enquanto não te tocamos; obrigado pela resposta honesta à quinta pergunta.”

A licença para percepção expandida — eis o que é o ano 2033, se descrito por uma única coisa. Mamãe. Imagine que eu lhe dou um papel em que está escrito: “*Reynov Daniil Sergeyeovich tem o direito de ver as costuras da realidade no território da Federação Russa*.” Assinatura: Val A.A. Carimbo redondo, azul. Prazo de validade — três anos. Em caso de perda — quinze mil rublos para reemissão. Isto não é distopia. Isto já existe. Licença eu não tenho — a Academia se recusa por princípio a entrar no registro. Mas os alunos do primeiro ano do Instituto do Despertar — têm, emitidas em maio. Eles agora veem legalmente as costuras. Por quinze minutos por semana. Em salas especialmente equipadas.)

Prazer à parte — *a Ordem do Ministério da Saúde Nº PP-23*. Eu a decorei enquanto ficava na fila no MFC no verão. Tem um parágrafo que posso citar de qualquer ponto, se me acordarem à noite:

“Estabelecidos num cidadão sinais de percepção expandida da categoria 3A-2, o cidadão é encaminhado ao centro regional de responsabilidade subsidiária para passar pelo procedimento de verificação do invariante. Em caso de detecção de não conformidade do invariante com o modelo básico da categoria, o cidadão é reclassificado conforme § 3.4, com recálculo automático da responsabilidade subsidiária dos 36 meses anteriores”.

(Eu guardo essas linhas de memória como talismã. Elas — são uma pura variedade

de loucura, formatada em tipografia ministerial. Em algum universo paralelo exatamente estas linhas foram escritas em 2014 sobre motoristas, em 2019 — sobre agentes estrangeiros, em 2026 — sobre pessoas de audição aguçada. A máquina burocrática russa *não sabe duvidar do seu próprio texto*: se já escreveu “invariante” num decreto, então o invariante existe e está sujeito a verificação. **Isto é — o Random Code Programming russo**: coloque qualquer palavra e ela se tornará termo administrativo em duas semanas.)

Isto é — *a Ordo em ação*. Monólito com rosto humano, na Tverskaya, 17. Artyom é honesto. Artyom, pessoalmente, acredita que assim é melhor, porque lembra-se de Misha. E, possivelmente, ele está certo: se *não ele* — viriam outros pra esse nicho, e esses já sem freios. Melhor a mão de ferro de Artyom do que a mão molhada de um desconhecido — é assim que ele pensa. Provavelmente é assim. Por isso discuto com ele apenas para mim. E nos grupos alheios, onde jornalistas intelectuais despejam sobre Artyom, geralmente fico calado. O silêncio na minha profissão — é economia de respiração.

* * *

Saí do MKAD em direção à Shabolovka.

A Shabolovka pouco mudou em sete anos. A Shabolovka, nesse sentido, é uma constante geológica: quando tudo ruir, a Shabolovka permanecerá. A mesma Torre de Shukhov (sob proteção, descascada, com placa “monumento histórico,” com restauração planejada que está no orçamento há vinte anos e não sai do lugar). O mesmo trólebus n.º 15, que pararam de circular em 2021 e pelo qual, ainda assim, até hoje sente saudade cada quinta senhora do bairro. O mesmo prédio com o meu apartamento de um quarto, ao qual eu em 2026 voltava toda sexta-feira, e ao qual eu agora volto todos os dias, porque dois anos atrás Kira e Lia se mudaram para lá, e a caneca de alça quebrada eu passei para o armarinho sobre a pia em sinal de continuidade histórica.

(Estritamente falando, a caneca de alça quebrada é agora relíquia familiar. Ninguém a toca em nossa casa. Kira bebe da sua. Lia — da xícara com coelho. Schrödinger Júnior bebe da minha poça, mas é ponteiro por status; pra ele é permitido.)

O elevador funcionava.

Olhei para o elevador como um engenheiro olha para um reator que funciona de modo suspeito. Um elevador que funciona num prédio moscovita de nove andares construído em 1974 é, por minhas observações de muitos anos, mau sinal. Mais ou menos o mesmo que se o seu café da manhã estivesse gostoso. Se tudo funciona — isso significa que algo está *compensando*. Em nosso prédio de nove andares historicamente não havia com o que compensar, por isso o elevador não funcionava. Mecanicamente ele estava totalmente em ordem. Simplesmente *não queria*, e à moda soviética isso era considerado razão justificada.

Agora o elevador funcionava. Um trabalho bom, suave, quase suíço. Entrei, apertei o quarto andar. O elevador fez um grunhido e foi. Fiquei ali esperando que ele parasse entre os andares e me dissesse algo importante. Ele não disse. Parou no quarto. A porta abriu. Saí.

(Parece-me que a esta altura eu deixei de ser um cidadão pleno. O cidadão pleno anda no elevador, joga no celular e não espera que o elevador vá conversar com ele. Eu espero toda vez. É sintoma profissional. O sintoma chama-se *excesso de atenção em direção ao inanimado*. Contra ele não há remédio. A saída — é sair da posição de ponteiro ou resignar-se.)

* * *

Na soleira estava sentada Lia.

Na própria soleira da porta escancarada, com as pernas cruzadas, em pijama com foguetes, com o caderno nos joelhos. Schrödinger Júnior estava deitado em suas pernas. Ambos olhavam para a porta de dentro. Ou seja, ela abriu a porta, sentou-se na soleira e esperou.

— Você chegou cedo, — disse ela. — Eu pensei que você estaria aqui em dezessete minutos.

— Eu dirigi mais rápido do que o normal.

— Sim. Porque a vovó. Eu também senti.

Ela disse isso como outras crianças dizem “comi uma maçã.” Relatório corrido. Sem drama.

(Aqui é preciso explicar uma coisa sobre Lia para poupar o leitor da perplexidade. Minha filha lê desde os três anos. Não por sílabas. Por frases inteiras, com entonação, inclusive palavras estrangeiras que não havia em seu entorno. Kira e eu verificamos (somos cientistas, verificamos tudo; uma criança que lê — é maravilhoso e suspeito ao mesmo tempo, mais ou menos como um qubit que se comporta impecavelmente): livros que não havia em casa — ela lê. Livros recém-entregues — lê mais rápido do que nós. No ano passado, na casa de uma de minhas ex-orientadoras, Lia abriu um volume de *Principia Mathematica* em inglês e disse: “É como o meu livrinho sobre coelhos, só que mais difícil e sem coelhos.” A ex-orientadora ficou em silêncio por três minutos.

Kira e eu chegamos a um acordo: não aceleramos Lia nem a freamos. Nós a acompanhamos. Não temos um manual de “como educar o primeiro Arquiteto nascido naturalmente” — tal manual não existe no mundo, porque antes de Lia não havia outros Arquitetos naturais, e todos os Arquitetos que conhecemos pessoalmente foram educados de algum modo terrível. Nós, em geral, fazemos assim: respeitamos Lia, não a endeusamos, a sentamos à mesa para jantar na hora, a obrigamos a guardar os brinquedos, e se ela nos conta que vê num vizinho “*um fiozinho cinza com um nó,*” dizemos: *tá, obrigado, vamos escovar os dentes.*

Isto, até onde entendo, é — *parentesco*. Seu sentido — é para a criança escovar os dentes. Tudo o mais — são efeitos colaterais.)

Sentei-me ao lado. Na soleira. De casaco. Kira estava em algum ponto do apartamento, de propósito — ela sabia que Lia e eu temos nosso primeiro minuto, e que o costume não pode ser quebrado, porque Kira respeita muito os rituais, quase como os chineses idosos respeitam a cerimônia do chá. Entre Lia e mim assim: no primeiro minuto após minha volta, ninguém fala de nada importante. Normalmente ficamos sentados, e Schrödinger Júnior passa das pernas dela para as minhas.

Hoje o gato não passou.

Hoje ele olhava para alguma coisa atrás das minhas costas.

— O que tem aí? — perguntei, sem me virar.

— Um fiozinho, — disse Lia. — Amarelo. Sai de você pra cima.

Pausa.

Fechei os olhos. Abri. Olhei pra minha filha — sete anos, cabelo escuro (Kira depois do rewrite, então, os *genes*), caderno com foguetes, olhos sérios. E compreendi duas coisas simultaneamente.

Primeira: minha filha vê a assinatura da minha mãe — diretamente, sem intermediários, como crianças comuns veem a cor das paredes.

Segunda: ela me *disse*. Com calma. Como se falasse do tempo lá fora.

Ela tem sete. Eu também tinha sete quando falei ao meu pai sobre a mamãe. O pai não entendeu.

(O pai *não entendeu* — não no sentido de “não ouviu.” No sentido: ouviu e não deu às palavras permissão para existir. Por vinte e um anos isso ficou dentro de mim como permafrost: palavras sobre a mamãe podem ser ditas, mas não podem ser *ouvidas*. Dizem-se — no vazio. Ouve — ninguém. Era o contrato entre mim e meu pai até 2026; naquele novembro foi rescindido por duas palavras — o pai então disse “*eu sei*,” e foi o acerto final. Agora no meu apartamento — há uma filha de sete, que se prepara para conduzir comigo um contrato diferente.

Esse contrato eu ainda não conheço. Estou em sua soleira. Literalmente.)

Virei-me pra minha filha. Schrödinger Júnior ainda olhava atrás de mim.

— Lia.

— Sim.

— Você já perguntou à mamãe sobre isso? Sobre os fiozinhos?

— Perguntei. Mamãe disse para não contar para você.

— Por quê?

Ela pensou. Seriamente, como pensam os de sete — enrugando a testa, colocando um pouquinho a língua pra fora, levantando a sobrancelha esquerda. Essa é a pausa dela de “agora vou decidir como explicar.” É herdada de Kira. Kira faz o mesmo, só que levanta a sobrancelha direita. Isto, por via das dúvidas, é uma discussão doméstica

nossa de dez anos atrás: esquerda ou direita. Kira diz que nas mulheres de sua família é sempre a direita. Lia, aparentemente, escolheu a esquerda como sinal de rebeldia adolescente (aos sete; pena, aos dezessete já não haverá pretextos).

— Porque você fica mais triste por causa disso.

Pausa. Schrödinger Júnior transferiu o olhar do que estava atrás de mim para a própria Lia. Aprovador. (Um gato. Sete anos. Ele é mais novo que eu. E, no entanto, é ele agora o principal observador no quarto: de todos os presentes, o gato é o único que sabe pra onde olhar; nós — não. Os gatos têm uma deformação profissional oposta à minha — eles não têm nada a perder, e por isso estão *o tempo todo na soleira*. Gatos precisam ser estudados. Falo sério. Na Academia há um curso separado sobre a percepção felina, mas ainda não me inscrevi nele, porque considero que estragaria meu relacionamento pessoal com Schrödinger Júnior.)

— Posso te contar? — perguntei.

Ela acenou. Uma vez. Meio milímetro.

Setecentos anos. Quatro gerações. E um aceno de uma criança de sete, que significa mais do que todas as minhas conversas com Wei Lin em oito anos.

Não consigo explicar o que exatamente se fez naquele aceno. Talvez nada tenha se feito. Talvez tudo tenha se feito. Talvez, no momento em que minha filha de sete anos me permitiu falar com ela sobre coisas que escondi por vinte e oito anos — no meu peito, meio milímetro mais para lá, tenha se deslocado aquela mesma parte da assinatura da mamãe que por vinte e oito anos esteve soldada. Agora não está soldada. Está — amarrada. São construções diferentes. O soldado se sustenta pela própria massa. O amarrado — por *quem segura a outra ponta da corda*.

A outra ponta da corda agora está em pijama com foguetes. Come *syrniki* em meia hora. Escova os dentes às nove. Dorme às dez. Amanhã, creche.

(No caderno — li depois, sem pedir; perdoem-me, editor da etiqueta, mas sou pai — no caderno havia uma anotação após nossa cena: “*Papai disse que pode. Agora — pode.*”

Um caractere de sentido. Caligrafia infantil. Resposta à pergunta que eu não soube formular por oito anos.)

* * *

Kira saiu da cozinha um minuto e meio depois, com uma toalha no ombro. Ela havia acabado de colocar no fogão algo que cheirava a cebola e tomate, *pelo menos no primeiro andar* — no quarto, o cheiro era de outra coisa; mas isto é nosso bônus familiar: os cheiros de cozinha em nosso apartamento às vezes chegam com atraso e às vezes — da cozinha vizinha (suspeito que a vizinha de parede, Valeria Ilyinichna, também se despertou um pouco por volta de 2029, mas não discutimos; entre nós há um relacionamento estritamente sobre a rega dos pepinos dela em minha ausência).

Kira olhou para mim. Viu na minha fisionomia algo que nela normalmente não há. Silenciosamente.

Essa habilidade de Kira — de ver na minha fisionomia o que nela normalmente não há — é uma das habilidades que mais amo nela, e a respeito das quais tenho simultaneamente um leve complexo (porque na *fisionomia dela* consigo ver no máximo quatro estados: com fome, satisfeita, brava, tranquila — é tudo). Essa assimetria eu compenso, como homem, cozinhando: Kira cozinha duas vezes por semana, eu — as outras cinco, e isso nos poupa discussões feministas, para as quais não tenho nem força nem vocabulário depois de 2026.

— A vovó? — perguntou Kira.

— Quatro horas seguidas, — disse. — Não larga.

Kira acenou. Olhou para Lia. Lia olhou para Kira. Naquela troca de olhares de segundos estava embutida muito mais informação do que em todo o meu dia de trabalho como ponteiro. Kira para Lia: *você sente?* Lia para Kira: *sim, já contei para o papai.* Kira para Lia: *bom.* Foi toda a conferência familiar, sem som, em dois pontos quatro décimos de segundo (marquei depois pelo relógio interno; deformação profissional).

— Os *syrniki* daqui a dez minutos, — disse Kira agora em voz alta, para mim. — Troque de roupa.

Levantei-me. Fui trocar de roupa.

(No corredor, a caminho, lembrei-me de uma coisa que Wei Lin me havia dito nove meses atrás. Textualmente: “Ponteiro — não é aquele que leva mensagens. Ponteiro — é aquele *pelo qual* as mensagens passam.” Na época eu guardei isso como aforismo e não fiz nada. Hoje — entendi que minha filha começa a ser *outro ponteiro*. Também de duas pontas. Só que minhas pontas são — Academia e instituto. E as dela — eu e vovó. E se a primeira construção se sustenta na minha biografia, a segunda — numa criança de sete anos. Isto, perdoem, é um pesadelo arquitetônico.

Embora, se pensar bem, — as pontes mais estáveis da história se mantiveram precisamente *por passar alguém por elas*. Um arquiteto aqui é condição necessária, mas não suficiente. A pedra pela qual ninguém anda logo cobre-se de líquen e rui. A pedra pela qual andam — se desgasta e continua de pé.

Minha filha já anda. Logo, a construção — está em funcionamento. Logo, minha tarefa — é não atrapalhar.

É uma tarefa simples. E a mais complicada de todas as que tive em trinta e cinco anos.)

Tirei o suéter do armário. Vesti. Fui comer *syrniki*.

Nas costas — um fiozinho amarelo. Agora eu, em retrospecto, o distinguia. Fino. Está no corpo. Simplesmente *existe*.

Mamãe ligava. Eu estava na linha.

Pela primeira vez em sete anos — *na linha*.

Lia estava sentada em sua cadeira com encosto-coelho. Olhava para o prato. No canto, seu caderno — fechado, caneta esferográfica por cima, caprichosamente.

(Depois eu lerei — e perdoem-me, editor da etiqueta, mas sou pai.

No diário ela acrescentou mais uma linha ao dia de hoje:

“Papai hoje não está sozinho.”

Três palavras. Pela primeira vez em sete anos ela me viu *com conexão*. Até isso, aparentemente, me via sem. Também é informação para mim. Significa que todos esses anos ela me considerava *uma pessoa sozinha pra quem liga uma vovó alheia*. Agora — me considera *filho*. Para ela é — uma mudança no cadastro: papai passou da categoria “sozinho” para a categoria “com conexão.” Para mim — mais ou menos o mesmo que uma transferência de “morto” para “vivo,” só que em retrospecto e sem registro de moradia.)